

A representação dos deuses e do sagrado no teatro greco-latino

III Colóquio do Grupo de Pesquisa “Estudos sobre o Teatro Antigo”

Resumo das conferências

Cardoso, Isabella Tardin

Título: *Nada a ver com Baco? O sagrado em representações na origem do teatro greco-romano*

A motivação sagrada na origem do teatro romano é tema sobre que divergem não somente autores modernos, como também antigos. A comparação com o fenômeno (obscuro já na época de Aristóteles) dos primórdios teatrais na Grécia é estratégia usada ainda hoje quer para afirmar um paralelismo na relação entre teatro e religiosidade em Roma; quer para negar no ambiente dos festivais romanos uma relação com o divino (supostamente mais forte nas respectivas festividades cênicas gregas). Analisando e confrontando passagens de autores do período augústeo (Tito Livio, Virgílio e Horácio), pretendemos evidenciar, de um lado, que sua posição quanto ao tema precisa ainda ser problematizada; de outro, que a questão em si, concernente à história do teatro romano antigo, está longe de ter uma resposta unívoca.

Cardoso, Zélia de Almeida

Título: *Deuses e homens em As troianas, de Sêneca: uma interface especial*

Diferentemente do que ocorre nas tragédias gregas, as referências aos deuses na dramaturgia senequiana são mais um recurso estilístico dramático-literário do que um índice de religiosidade e devoção. Em *As troianas*, em que pese o fato de serem relatadas duas aparições de mortos, em narrativas que merecem considerações particulares, e de haver algumas alusões ao chamado "mundo das sombras", o coro das mulheres de Troia nega a existência de tal mundo, proclamando, num arroubo epicurista, o fim de qualquer forma de vida com a morte do corpo. Da mesma forma, é contestada pelas personagens trágicas a crença na proteção divina e na misericórdia dos deuses em relação aos seres humanos.

Coelho, Maria Cecília de Nogueira Miranda

Título: *Paixões humanas e divinas: cenas de Electra no teatro e no cinema*

Quando Pier Paolo Pasolini foi a África, buscando locações e pessoas do povo para encenar sua *Orestéia* africana, da qual temos hoje um fragmento de 65 minutos de filme, ele ficou preocupado em relação à moça que faria o papel de Electra, pois disse que todas eram muito alegres, mesmo vivendo, muitas vezes, sob condições bem adversas. Não encontrava, assim, face que pudesse retratar a dor e a raiva da filha mais velha de Agamêmnon. Esta personagem, protagonista de 3 peças: *Coéforas*, de Ésquilo, *Electra*, de Sófocles e *Electra*, de Eurípides, também foi levada ao cinema por pelo menos 6 grandes diretores em filmes grego, italianos, húngaro, francês e português, respectivamente: *Electra* (1962), de Michael Cacoyannis, *Appunti para una Orestéia africana* (1970), de P.P.Pasolini, *Vagas Estrelas da Ursa Maior* (1974), de Luchino Visconti, *Beloved Elektra* (1974), de Miclós Jancsó, *Ataque de Defesa* (1993), de Jaques Rivette, e *Mal-nascida* (2008) de João Canijo. Meu objetivo nesta palestra é o de analisar a representação de Electra em algumas das peças e alguns dos filmes citados, a partir da relação entre a

esfera divina e humana no curso da ação de vingar a morte do pai.

Faria, Milena de Oliveira

Título: Evocações aos deuses em *As Tesmoforiantes*

Diferentemente das tragédias, em que as aparições dos deuses são mais constantes e revelam, principalmente na obra de Eurípides, uma preocupação em se discutir a relação entre o mundo dos humanos e o dos deuses, metafísico; na comédia aristofânica, encontramos poucas aparições de personagens divinas e, quando isso ocorre, verificamos que não há esse tipo de questionamento por parte do poeta. Em *As Tesmoforiantes*, entretanto, não há a aparição de deus algum em cena, mas isso não significa que não haja o elemento divino na peça. Os deuses são evocados em vários momentos da trama e têm importância grande na caracterização da personagem que os evoca e da situação em que é conclamado. Uma, em especial, que nos chama a atenção, é a evocação de Palas Atena, nos versos 1143-4, em que a deusa é chamada “inimiga dos tiranos”, qualificação essa que lhe é incomum. Assim, meu objetivo, nesta apresentação, é fazer uma breve análise dessas evocações aos deuses e seus significados e buscar compreender, principalmente, a força da evocação a Palas Atena no final da peça.

Franciscato, Maria Cristina

Título: *Afrodite e Ártemis: oposição e complementaridade divina em Hipólito*

A tragédia Hipólito expõe em cena Afrodite e Ártemis, deusas com prerrogativas opostas em relação à sexualidade. Afrodite é a força soberana que gera a vida em suas múltiplas manifestações. É a deusa do amor erótico, da atração entre os seres. Ártemis, ao contrário, está entre as três únicas divindades imunes ao poder de Afrodite (*Hino Homérico a Afrodite I, 7-33*). É a caçadora virgem, “senhora das feras” e dos espaços selvagens, da natureza não subjugada. Hipólito é devoto extremado de Ártemis e nega ostensivamente a deusa do amor. As deliberações de Afrodite, que definem a ação dramática, ocupam o prólogo. A atuação esclarecedora e conciliatória de Ártemis finaliza a tragédia. Entre as duas epifanias, presenciamos o drama humano, onde a *týkhe* (os acontecimentos) precipita-se sobre os personagens de acordo com desígnios divinos e a natureza de cada um.

Lohner, José Eduardo

Título: *Deuses e manifestações divinas na tragédia senequiana*

Sêneca, como pensador estoíco, para o qual a única e verdadeira divindade era a Providência Divina, imprimiu nas tragédias seu ceticismo religioso. A ordem moral, nas peças em que ela se estabelece, resulta da ação do *fatum* e não da dos deuses. Os deuses são retratados, de modo geral, como seres de intenção maldosa, ineficientes no estabelecimento da justiça e na punição dos injustos. A idéia que perpassa essas peças é a de que as paixões anulam a piedade para com os deuses e causam uma ruptura na relação entre o homem e a divindade. Assim, tanto os deuses tradicionais quanto os cultos divinos estão ali presentes quase que apenas por força da tradição mitológico-literária, sendo eles retratados como vãos e ineficazes. Pode-se dizer que, na tragédia senequiana, os deuses não abandonaram por completo o mundo dos homens, como afirmam alguns críticos, antes, as paixões se interpõem na relação entre os homens e os deuses, e a interferência delas nas ações humanas assume uma proporção maior que a destes últimos.

Ribeiro Jr., Wilson Alves

Título: *Os deuses na cena trágica*

A presença de divindades em cena, especialmente durante a representação de tragédias gregas, nada mais é do que uma variante dos enganos “por ilusão” descritos pelos poetas épicos. Tanto na épica quanto na tragédia grega a divina presença é uma concessão visual do deus, que precisa intervir nos assuntos humanos e para isso assume forma apreensível, embora nem sempre reconhecível, aos mortais de limitada visão. Com esse pressuposto em vista, serão brevemente apresentados os métodos e convenções utilizadas pelos poetas trágicos, em geral inspirados na poesia épica, que possibilitam a presença física ou virtual das divindades em cena. A base desse panorama da representatividade dos deuses na cena trágica é constituído pelos dramas mais conhecidos de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, notadamente *As Bacantes* de Eurípides. Por último, serão discutidos os *Fr. 221-34* Radt de Ésquilo, atribuídos à tragédia perdida *Sêmele*, em que o autor apresenta a deusa Hera, transformada e disfarçada, interagindo no palco com os personagens humanos.

Sacconi, Karen Amaral

Título: *Heraia: casamento e fertilidade na Electra de Eurípides*

Em princípio, o coro de celebrantes do *Heraia* – festival argivo em honra a Hera - parece nada ter que ver com o mito de Orestes e Electra, tanto pelo seu caráter festivo quanto por remeter a uma deusa que não está associada ao mito tradicionalmente. Mas o festival de Hera tem na tragédia *Electra* uma função certamente mais profunda e mais rica do que a simples ilustração de um culto tipicamente argivo. Em Eurípides, o tema do matrimônio e da progênie, mote do *Heraia*, está presente em toda a tragédia, articula-se com a ação dramática e dá novos significados ao antigo mito.

Silva, Nahim Santos Carvalho

Título: *Ego homuncio hoc non facere? O mito como exemplo em Eun. 584-591*

O divino é um motivo pouco freqüente na obra de Terêncio. Mesmo referências ao mito são muito escassas, restringindo-se a cinco ocorrências. Entre elas encontra-se a menção a uma pintura encontrada na casa da cortesã Taís, retratando o mito de Dânae, nos versos 584-591 d'*O Eunuco*. O quadro, brevemente descrito por Quérea ao relatar a violação de Pânfila a seu amigo Antifão, é usado por aquele para justificar sua ação e, ao mesmo tempo, estabelecer um paralelo entre esta e a ação do deus. O mito apresenta-se, portanto, como um exemplo, no sentido retórico do termo, no discurso de Quérea. É possível traçar um paralelo entre essa passagem e a crítica que Platão faz na *República* sobre a representação dos deuses e heróis na poesia. Diferente do comum da comédia, Terêncio parece renunciar a uma representação derrisória do divino, para rir da própria forma dos homens representarem o divino.

Torrano, José Antonio Alves

Título: *Mito e dialética: a comunidade de deuses e de mortais na tragédia Íon de Eurípides*

A análise hermenêutica nos permite ver, nos desdobramentos do impasse nas relações entre Deuses e mortais, na tragédia *Íon* de Eurípides, a homologia estrutural entre as noções filosóficas de idéia, eîdos e génos, e a noção mítica teogônica de Theôn génos. As dificuldades aporéticas, que já se revelam no monólogo inaugural de Hermes (*Íon* 1-81), reconfiguram-se a cada episódio, tanto nas falas das

personagens divinas e humanas, quanto no curso dos acontecimentos. Os desdobramentos desse impasse tem a sua explicitação e explicação completa na fala final de Palas Atena (*Íon* 1553-1605), e o percurso por esses desdobramentos descreve, como uma unidade complexa, quatro pontos de vistas, por si mesmos distintos, e em cada caso confusos, a saber, o dos Deuses, o dos Numes, o dos heróis e o dos mortais.

